

O SENTIDO DA VIDA EM TEMPOS DE CONFINAMENTO

Thaís Leite Reis¹

Resumo

O presente trabalho apresenta a Antropologia Filosófica de Viktor Frankl, na qual o homem é um ser livre e responsável. É a partir da vontade de sentido que esse indivíduo encontra motivação maior para a sua sobrevivência. Em tempos de crise podemos questionar: Qual o sentido da vida? Para isso examinamos, por meio de uma revisão bibliográfica, as experiências de Frankl nos campos de concentração e sua influência no surgimento da logoterapia, que é considerada uma terapia centrada no sentido. Além desses aspectos, o artigo aborda o existencialismo frankliano comparando-o com outros modos de existencialismos filosóficos, enfatizando a logoterapia e a análise existencial. Acrescenta-se, ainda, a construção do pensamento e a prática psicológica deste autor que poderá nos auxiliar no enfrentamento do período atual de confinamento que vivenciamos pelo coronavírus.

Palavras-Chave: Existencialismo. Sentido da Vida. Confinamento.

THE MEANING OF LIFE IN TIMES OF CONFINEMENT

Abstract

The present work presents the philosophical anthropology of Viktor Frankl, in which man is a free and responsible being. And it is from the will to meaning that this man finds greater motivation for his survival. In times of crisis can we ask what is the meaning of life? For this, we examine, through a bibliographic review, Frankl's experiences in concentration camps and his influence on the emergence of logotherapy, which is considered a therapy centered on meaning. In addition to these aspects, the article discusses Franklian existentialism by comparing it with other modes of philosophical existentialism, emphasizing logotherapy and existential analysis. It is also added the construction of the thought and the psychological practice of this author that can help us to face the current period of confinement that we are experiencing by the corona virus.

Keywords: Existentialism. Meaning of Life. Confinement.

¹Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Introdução

A escolha do tema para o artigo partiu de uma angústia vivenciada pelo momento atual de pandemia pelo corona vírus (COVID-19) que configura o cenário mundial. Isto posto, a população dos países afetados foi orientada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) ao confinamento domiciliar, a fim de diminuir a infecção, uma vez que não existem leitos, equipamentos, tratamentos e recursos humanos suficientes para o atendimento nas redes públicas e privadas de saúde. A pandemia iniciou no mês de dezembro na China e conforme, o jornal americano The Journal (2020), no mês de março, no mundo 600.000 pessoas foram infectadas pelos vírus e 28.000 mortos, principalmente nos seguintes países: Itália, Espanha, China, Irlanda e França. Segundo a OMS (2020), no mês de maio já foram confirmados no mundo 3.759.967 casos de COVID-19 e 259.474 mortes.

Neste tempo de incertezas e isolamento social, a Logoterapia, teoria do Viktor Frankl (2006) que relaciona a *vontade de sentido* à sua vivência enquanto prisioneiro nos campos de concentração, parece nos trazer alguma luz aos questionamentos cotidianos diante da imprevisibilidade da existência. Em seu livro *A busca de sentido*, vida e obra de Frankl se misturam em meio a sofrida experiência em confinamento.

A metodologia da pesquisa que proponho fazer é bibliográfica sendo o trabalho de investigação teórica a partir de material publicado em livros, artigos, filmes e jornais eletrônicos. A proposta é trabalhar com o conteúdo já existente sobre o tema e fazer uma revisão filosófica, por meio de uma reflexão com o cenário mundial de confinamento. Desde modo, enfatizo a logoterapia, a partir da abordagem existencial, apesar de nem todos os existencialistas aceitarem o estudo referido por não compreenderem a forma espiritual que é presente na ontologia de Frankl. Assim, cria o diferencial da logoterapia que não iguala nem a psicanálise, uma vez que é considerada a Terceira escola Vienense, nem ao existencialismo, mas é uma outra forma de olhar o indivíduo baseada no sentido.

O trabalho inicia apresentando quem foi Viktor Frankl (2006) e como ele articulou a logoterapia a sua própria vivência nos campos de concentração. Em um segundo momento, apresento os princípios fundamentais da logoterapia. Posteriormente, as diferenças e semelhanças do existencialismo frankliano com os demais. E mostro a prática da logoterapia na clínica, a partir de técnicas de diminuição da ansiedade, as quais poderão ser aplicadas em situações cotidianas. Finalizo com uma reflexão sobre o sentido da vida, por meio das artes embasando através da filosofia de Nietzsche (2008) e Arendt (2008) em analogia ao filme Phoenix (Petzold, 2014), que relata uma experiência de recriar a realidade pós Segunda Guerra Mundial, a poesia de Rosa (1968) com o cenário de isolamento social vivido mundialmente.

Frankl (2006) questiona qual o sentido da vida e ousa ir mais além afirma que somente quando encontrarmos é que iremos alcançar a felicidade. Ao mesmo tempo nos leva a refletir que não se busca e nem existe fórmula para que cada indivíduo tenha um sentido podendo dar conta somente ao final de sua vida. Então, como será este sentido para Viktor Frankl (2006)?

Um psicólogo no campo de concentração

A princípio ao ler este título podemos ter uma impressão equivocada do que Frankl (2006) queria mostrar, pois ele não atuou como psicólogo enquanto prisioneiro, mas percebeu com um novo olhar as injustiças e o sofrimento que são próprios dos campos de concentração. Dessa forma, não é intenção dele mostrar os tipos de tortura, mas sim como cada prisioneiro é capaz de lidar com as situações, em que parece não haver escolha, neste momento o ser humano transcende e encontra um sentido para sobreviver.

Frankl (2006) caracteriza em fases a história nos campos de concentração, a primeira é a entrada, onde tudo é novo, por isso teme-se qualquer coisa, a segunda é a vida naquele espaço, em que sentimentos como irritabilidade e indiferença são necessários como defesa para suportar o controle dos capos² e na terceira fase após a libertação observou uma difícil adaptação à realidade, confusão de valores e frustração, mas ainda assim um alívio diante a tensão inerente e a iminência da morte.

A existência despertava curiosidade, surpresas e medos. Desde o alívio em saber que o chuveiro realmente saía água e não era enganado, a fim de que fosse levado para a câmara de gás, passar meses sem escovar os dentes e usar a mesma camisa por quase um ano. Mesmo com esta realidade crua, em princípio, não foi o suficiente para permitir que Frankl (2006) pensasse em suicídio o que era comum entre os prisioneiros. Durante sua permanência, o prisioneiro pode apresentar de modo apático e insensível em meio as mortes, torturas, cansaço, fome, sede e frio, como uma defesa da realidade. Além disso, a irritabilidade causada pela insônia, a inferioridade das condições de sobrevivência, o estado de subnutrição impede o instinto sexual de se manifestar havendo a concentração apenas na preservação da vida. Sendo assim, o que não condiz para continuar existindo não se manifesta, por exemplo a expressão dos sentimentos. Ademais a rotina exaustiva de trabalho forçado restava-lhe conversar sobre política, especificamente a situação militar e a possibilidade de acabar a guerra e religião que cabia como uma válvula de escape. (Frankl, 2006)

Apesar das condições ambientais, a Liberdade³ humana não está condicionada a elas, o indivíduo pode escolher conservar sua dignidade mesmo com todo o sofrimento, pois não é somente uma vida de realização que tem sentido tanto o belo como a morte fazem parte da existência e dão sentido a ela. O sofrimento só será digno ao tormento se conseguimos mudar uma tragédia moral numa conquista

²Prisioneiros que tinham privilégios e agiam punitivamente mais cruéis que os oficiais. (FRANKL, 2006)

³Para fim de compreensão liberdade com l minúsculo será usado enquanto o direito de ir e vir. Liberdade com L maiúsculo denota o sentido para o pensamento existencial como uma autonomia de escolha de uma consciência e não livre arbítrio para um fim. (Sartre,2009)

peçoal. A existência do prisioneiro em um campo de concentração pode ser definida como sem prazo, portanto não se pode enxergar o fim da existência o que deixa a pessoa sem alvo não conseguindo voltar para o futuro abandonando a si e esquecendo que uma situação difícil proporciona a oportunidade de crescer interiormente.

Para Frankl (2006), não eram os prisioneiros mais fortes fisicamente que sobreviveram aos campos de concentração. Logo, aqueles que caíam em crise física, psíquica e espiritual já não tinham o “porquê” viver e negavam sem medo de castigo a fazerem qualquer tarefa, ficavam deitados o tempo todo no barracão só esperando a hora de sua morte. Neste sentido, as pessoas mais sensíveis sobreviviam de modo mais saudável existencialmente aos campos de concentração, pois conseguiam se concentrar na vivência de modo singular podendo transcender por alguns instantes da realidade. Tendo em vista após um dia frio de trabalho, Frankl eleva seu pensamento a esposa mesmo sem saber se ela estava viva ou morta. Naquele momento, o que importava era sentir sua amada perto de si, mesmo não sabendo onde se encontrava.

Nestes momentos sublimes, os fatos do dia a dia estão presentes na imaginação dos prisioneiros desde um simples banho com água quente, o cheiro de uma flor e a contemplação do pôr-do-sol. De um modo geral, o humor era um modo de existir meditativo que sintonizava o indivíduo com o momento presente, mesmo que durasse pouco tempo, para esquecer o sofrimento. Em meio as dolorosas experiências, há momentos que era necessário ficar sozinho e transcender ao tempo e ao espaço para não enlouquecer. Por mais inacreditável que pareça ser qualquer ganho que se tinha proporcionava grande alegria, por exemplo, o fato do campo de concentração em Dachau não ter câmara de gás ou crematório poupava mais algum tempo de vida.

As prisões são conhecidas pelas suas fugas e com Frankl (2006) não foi diferente, por algumas vezes tentou fugir, mas sem êxito. Neste sentido, lembramos de Sartre (2009), e sua primazia, em que o homem é condenado a ser livre. Em casos

de confinamento, ele pode ter sua liberdade cerceada, mas ainda sim permaneça livre diante das facticidades, por exemplo, para arquitetar sua fuga. Portanto, Liberdade não é para algo, mas sim enquanto autonomia de escolha, uma vez que os prisioneiros podem escolher não entregar o companheiro na tentativa de fuga ou por roubar comida e remédio, mesmo que signifique um dia todo em jejum, ou sua própria morte, pois ele é livre para escolher e para ser responsável por sustentá-la.

Diante aquelas condições desumanas, os prisioneiros poderiam perguntar pelo sentido da vida, mas na verdade o autor questiona o que ela espera de nós, as reflexões e ações que precisamos fazer para viver com responsabilidade já que nenhuma situação se repete e em cada uma o indivíduo é chamado para assumir uma atitude. Por isso, o sentido da vida é singular e pode mudar de um momento para o outro. Naquele período nos campos de concentração, o que importava era o sentido atribuído a morte e ao sofrimento não somente o sentido da vida. O voltar para o passado na busca de um refúgio auxiliava a compreender que o tempo é uma dimensão do ser e por isso móvel, onde passado, presente e futuro co-habitam nas vivências. Frankl (2006). Portanto, segundo Lispector (2017 p.11) "... Pensar é um ato. Sentir é um fato". Desse modo, é na ação somente que a existência acontece.

Quando os prisioneiros foram libertados, ao contrário que se esperava, eles não reagiram com satisfação e alívio, mas se arrastavam devagar conscientizando da nova realidade. Agora eles têm que aprender a lidar com o sentimento que por anos andou adormecido: a alegria. Tudo parece irreal devido a expectativa de várias vezes almejem estar livres e nunca chegar a este dia. A vida fora dos campos de concentração nunca será a mesma imaginada nos momentos difíceis, em que o prisioneiro precisava se reportar a algo além de si para sobreviver. Agora a frustração pode fazer parte de suas existências que não serão mais como anterior ao confinamento. Com isso, o indivíduo terá que recriar sua história e se apropriar do seu novo projeto existencial, que foi forjado, em Liberdade não por meio do que foi feito dele, mas o que ele irá fazer com o que fizeram dele. (Frankl, 2006; Sartre, 2009)

Por conseguinte, o indivíduo que ao ser libertado dos campos de concentração reencontrava sua família, ou algo significativo para reviver que justificasse o motivo da sua existência tinha mais chance de sobrevivência daqueles que se entregavam a própria sorte. A partir disso Frankl (2006, p.32) disse que “Quem não consegue mais acreditar no futuro-seu-futuro está perdido no campo de concentração”. Desse modo, a logoterapia, o estudo do sentido da vida, é inaugurado em ato com a vontade de Frankl em publicar seus escritos sobre o campo de concentração transformando assim sua tragédia pessoal, pela morte de seus familiares e sofrimentos pelas experiências, em um crescimento humano dando sentido para a sua vida. (Frankl, 2006)

Os campos de concentração à logoterapia

A partir da máxima de Nietzsche “Quem tem porque viver agüenta quase qualquer como” (*apud* Frankl 2006, p.75), torna-se compreensível a teoria que Viktor Emil Frankl criou - a logoterapia – ou terapia do sentido, a qual passou a ser conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. Sendo a primeira a Psicanálise de Freud e a segunda a Psicologia Individual de Adler. (Frankl, 2007). Para Freud, o que rege o funcionamento mental do homem é o princípio de prazer, ou seja, nossos atos são determinados pelo prazer e esta motivação pode não ser percebida pela consciência (Laplanche e Pontalis, 2004). Enquanto Adler complementa o pensamento de Nietzsche que é através da vontade de poder que impulsiona os indivíduos a superarem a inferioridade. (Adler, *apud* Frankl, 2007). Frankl acentua que a vontade de sentido é a busca primária na vida do homem e que o faz suportar as situações mais difíceis pelos seus valores sendo específico de cada momento podendo ser mutável de pessoa a pessoa e de hora a hora transformando-se nas mais urgentes necessidades básicas contestando a teoria de Maslow da Hierarquia das Necessidades (*apud* Frankl, 2005) que explica as razões da motivação a partir das

necessidades humanas que ele dispõe em níveis de importância como: necessidades fisiológicas, de segurança, sociais, auto-estima e auto-realização. Entretanto, não necessariamente deve ser seguido essa ordem podendo variar de estágio dependendo do momento em que o indivíduo vive.

Frankl (2006) percebeu isso na própria experiência de dor, quando por longos anos foi prisioneiro nos campos de concentração⁴, onde era conhecido apenas como nº 119.104. Naquelas condições em que o homem é tolido de sua identidade, privacidade, documentos e profissão tendo a família exterminada no campo, sua existência restringia em sobreviver à luta de não enlouquecer, resistindo às crueldades das tarefas que eram impostas a quase nenhuma comodidade e a escassez de alimentos.

Neste momento, retomamos a proposta de um ser incondicionado e responsável, em que o homem não é livre de certas condições, mas é livre para tomar posições diante delas, ideia que encontra correspondência no pensamento de Sartre (2009) que igualmente diferencia o conceito técnico e filosófico de liberdade da versão empírica e popular, para a qual ser livre não equivale à faculdade de obter os fins escolhidos, enquanto que no pensamento dele e de Frankl (2006) estaria para a autonomia de escolha.

No campo de concentração só era possível resistir a esse impacto desumano dirigindo para algo externo a si. A capacidade de auto transcender em um amor, projeto, objetivo, ideal, religião ou mesmo o olhar de um pôr-do-sol têm um significado que permite o indivíduo mesmo no sofrimento estabelecer o desejo de viver, ou seja, para Frankl (2005) é a vontade de sentido que motiva os homens. No entanto, nos dias atuais cresce o número de indivíduos que buscam um sentido pelo qual viver o

⁴Frankl (2006) passou por alguns campos de concentração entre 1942 e 1945, dentre eles Therezin, Auschwitz e Dachau permanecendo num barracão em que tinha espaço para 200 pessoas, mas abrigava 1.100 prisioneiros com fome e frio.

que muitas vezes acaba sendo frustrada, pois a felicidade assim como o sucesso e o sentido não se buscam, nem se dominam, precisam ser descobertos.

Frankl (2005) observou que estes indivíduos vivem um vazio existencial que pode ser causado pelo ódio, materialismo, o que ele chamou de neurose de massa a qual pode ser comprovado mais em jovens que idosos, devido à rebeldia em destruir as tradições e não saber o que fazer para repor algum significado. A industrialização junto com a urbanização alienou as tradições e valores satisfazendo todas as necessidades de bens de consumo menos a necessidade de sentido que é frustrada por ela.

Assim, chamou o sintoma do vazio existencial que manifesta através do tédio e da indiferença, o tédio representando uma perda de interesse pelo mundo, enquanto a indiferença significa uma falta de iniciativa para melhorar-se, de tríade de massa: depressão, agressão e toxicodependência. Esta tríade se vê demasiadamente presente nos indivíduos como o desejo de encontrar um significado para a vida que além do desejo está insatisfeito na atualidade a frustração desse desejo de sentido origina as neuroses e o suicídio. Desse modo, nem toda neurose é noogênica, ou seja, causada pelo vazio existencial, mas podemos entender como uma neurose sociogênica, cuja a causa fundamenta na sociedade da época. Portanto, o desejo de sentido é um “valor de sobrevivência” e para tal o indivíduo precisa transcender o próprio eu.

Os sentidos são únicos e mutáveis, mas a vida não deixa nunca de ter sentido. Podemos descobrir um sentido na vida mesmo no fim dela que não estará sujeito a transitoriedade, pois nada pode tirar-nos o que guardamos no passado como um amor querido, um sofrimento sentido com coragem, as ações praticadas ou as obras realizadas. Desse modo, podemos compreender o sentido também a partir da “tríade trágica” constituída por sofrimento, culpa e morte. O sofrimento pode ser transformado em realização, a culpa em mudança e a morte num estímulo para atuação responsável. O sentido pode ser encontrado através de três caminhos: ação ou obra que cria como um trabalho, encontrando alguém ou vivenciando algo e mudando

atitude frente as facticidades. (Frankl 2006). No entanto, somente quem sofre e muda para melhor pode encontrar um significado naquela situação, pois de nada adiantaria sofrer sem que aprendêssemos nada com a situação senão seria masoquismo e não heroísmo. Outra possibilidade de descobrir sentido pela morte é através da fé. Frankl (2005) não se refere à determinada religião, mas em uma crença espiritual e que permite suportar uma situação conflituosa.

Ao contrário dos demais existencialistas⁵, ele é considerado pela crítica como sustentando uma teoria não pessimista. Isto se deve, a inclusão de Deus em seus questionamentos não sendo necessariamente teísta. Frankl (2005) faz uma crítica à religião que interpreta estes momentos particulares como uma conversa com alguém real. E também as pessoas sem religião que afirmam que seus pensamentos e reflexões são apenas fala solitária consigo mesmo. Ele fala de autotranscendência em que o homem dirige para fora de si mesmo compreendendo que ele não deposita a responsabilidade a ninguém, nem mesmo a Deus, pelo contrário para ele o indivíduo procura ter consciência de sua própria responsabilidade. Assim, “a verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas antes de decisão.” Frankl (2007, p. 61).

Quando o paciente tem uma fé religiosa, o logoterapeuta não pode utilizá-la como recurso terapêutico, mas sim aproveitar seus recursos espirituais. Desse modo, se propõe que o indivíduo tenha capacidade de assumir a vida com responsabilidade através das decisões tomadas frente as possibilidades. A liberdade do ser humano é restrita, pois não se está livre dos condicionamentos, mas sim há Liberdade, inerente a condição humana, de tomar posições frente a eles. O indivíduo é a Liberdade e não a possui como um objeto, por isso pode mudar a todo o momento sua existência que não é completamente determinada e condicionada.

Torna-se necessário diferenciar as relações de religiosidade e a dimensão noética ou espiritual. O homem é constituído de uma dimensão biológica, psicológica,

⁵Ainda que existencialistas cristãos como Gabriel Marcel também pensassem nessa direção. (Frankl, 2005).

social e noética. Falar de dimensão espiritual é falar de Liberdade e responsabilidade. A dimensão noética manifesta-se através da intuição. A experiência religiosa também está inserida na vida plena de sentido, em que o homem explora a dimensão espiritual da consciência.

Frankl (2007, p.6) fala na “presença ignorada de Deus”, em que o homem religioso tem ou não em seu inconsciente um contato íntimo com o divino. A logoterapia acrescentou a psicoterapia o espiritual dentro do inconsciente, como algo instintivo ao qual também se encontraria a religião algumas vezes permanecendo latente. Isto não quer dizer que Deus está no inconsciente ele fala de uma fé inconsciente incluindo a religião. Dessa forma, o tratamento psicoterapêutico na logoterapia permite libertar a fé primordial reprimida no inconsciente.

Na clínica Frankl (2007) trabalha trazendo a tona estes aspectos reprimidos que impede que o indivíduo transcenda, pois defende que a fé quando atrofia transforma-se em neurose. Ele define bem claro a distinção entre psicoterapia e religião: “o fim da psicoterapia é a saúde mental, enquanto o da religião é a salvação das almas, portanto não se confundem.” (Frankl 2007, p.73). Entretanto, poderão resultar efeitos profiláticos ou psicoterapêuticos quando a pessoa experimenta alívio psicológico ao considerar sua transcendência, ao encontrar o sentido último da vida em Deus ou ao sentir-se ancorada no absoluto.

Analogia do existencialismo frankliano com os demais

Um dos princípios fundamentais do existencialismo que os autores das diversas filosofias ontológicas concordam é em relação à Liberdade e responsabilidade do ser. A Liberdade do homem não é evidentemente em relação as condições, quer elas sejam biológicas, psicológicas ou sociológicas. O homem é determinado pela história, mas ele pode ser livre para uma tomada de posição perante todas as situações. Sartre (2009) diz que o que importa é o que nós fazemos com que eles fizeram de nós.

Assim, o homem também só se revela como verdadeiro homem quando se eleva à dimensão da Liberdade (Frankl,2007).

Esta Liberdade constitui como um modo de existir do ser enquanto angústia existencial, a qual é insuperável, pois quanto maior a consciência de Liberdade maior a angústia frente a indeterminação da existência. Para Sartre (2009), o homem é condenado a ser livre, esta aparente contradição nos diz que somos livres para escolher frente as possibilidades e não enquanto um fim, mas autonomia de escolha, menos para não escolher, o que ele chamaria de má-fé quando nego a Liberdade. Portanto, os existencialistas concordam que a Liberdade não é para algo, ou seja, de poder fazer tudo, mas sim de algo, ou seja, de escolher mesmo frente as facticidades. Neste sentido, escolho perante ao nada de tudo possível rumo aquilo que falta constituindo a existência. Portanto, somente na ação que a vida existe, ou seja, aquilo que não faz parte do projeto existencial em ato não existe para uma consciência. Com isso, a responsabilidade, não tem caráter de culpa por uma escolha, mas sim de Liberdade dentre os possíveis.

(...) é uma responsabilidade em vista da irrepetibilidade e do referido caráter de algo único da sua existência; a existência humana é um ser-responsável em vista da sua finitude... esta finitude da vida, enquanto finitude temporal, não a torna sem sentido; pelo contrário... é a morte que dá sentido à vida. (FRANKL,1973, p.119)

Na hermenêutica de Heidegger (2000) o *ser-para-a-morte*, ou seja, a angústia do homem em saber da sua finitude leva o indivíduo para a vida. E o *Dasein*, enquanto um modo de ser do homem autêntico que decide e existe é voltado para o mundo determinado. Então, essa dialética entre singular e universal constitui o homem, enquanto ser-no-mundo, visto que ele produz e é produzido pelo mundo, cuja ação será impessoal quase o tempo todo por mascarar a imprevisibilidade das coisas se ocupando com o que já foi dado como uma verdade completa e inquestionável.

A logoterapia particulariza a filosofia existencialista para que facilite junto com o indivíduo o desvelamento de sentido, a fim de fomentar uma ampliação de

consciência de Liberdade, bem como de questionar e possivelmente encontrar o significado da vida, o qual servirá de motivação básica para o comportamento humano (FRANKL,2005). Nesse sentido, torna-se necessário considerar a consciência não como um lugar de depósito e acesso ao conhecimento, mas sim com um movimento para fora de si, ou seja, de interação no mundo e com o mundo, onde nos encontramos os fenômenos se mostram. Portanto, a consciência não é meramente cognitiva, mas de algo que estará relacionada à intencionalidade nessa relação intersubjetiva, ou seja, constituída a partir do posicionamento do sujeito social e subjetivo, enquanto produto e produtor do meio. (SARTRE, 2013)

De modo nenhum minha consciência poderia ser uma coisa, porque seu modo de ser em si é precisamente um *ser para si*. Existir, para ela, é ter consciência da sua existência. Ela aparece como uma pura espontaneidade diante do mundo das coisas é pura inércia. Podemos, portanto, afirmar desde a origem dois tipos de existência: de fato, é na medida em que são inertes que as coisas escapam à dominação da consciência; é sua inércia que salvaguarda e que conserva sua autonomia. (SARTRE, 2013, p. 7)

Para Sartre (2009), a consciência é um constante transcender-se para-si, ou seja, para fora de si mesmo tentando superar. Ela não é nada, não é um lugar, nem um ser pensante e só existe para um indivíduo. No entanto, não é um nada niilista, mas de tudo possível. Desse modo, em o Ser e o Nada, o autor restabelece a relação entre consciência e mundo que é vazia. A consciência não sendo nada não tem onde nos esconder, na rua, cidade, multidão, coisas e homens iremos nos descobrir fora de nós mesmos. Então, é na existência que se revela tudo que pode vir-a-ser.

Todavia, há uma divergência que envolve a consciência, a partir da fenomenologia de Husserl (*apud* Silva, 2006) que refere a consciência como o modo que o indivíduo olha para as coisas tal como elas se apresentam. Como visto acima, toda consciência é consciência de alguma coisa, ou seja, só existe consciência porque existe objeto. Assim, ela nunca está pronta, fechada ela vai se constituindo na relação sujeito-objeto através da intencionalidade, ou seja, o indivíduo percebe o mundo de

maneira singular. Contudo, para Husserl (apud Silva, 2006) a consciência é leve e se projeta em direção às coisas, ou seja, a intencionalidade é uma essência à consciência.

Frankl (2007) já diz que a consciência é um órgão de sentido que orienta o indivíduo na busca dele e descobre o sentido exclusivo de cada situação. “A consciência também pode enganar a pessoa. Mais ainda: até o último instante, até o último suspiro a pessoa não sabe se ela realmente cumpriu o sentido de sua vida ou se ela apenas se enganou.” (Frankl 2007, p.85).

Assim, a pessoa depende da consciência para escolher ela capacita a tomar uma decisão livre e responsável, porém não arbitrária. Portanto, a pessoa não será livre perante a consciência, mas esta Liberdade consiste em concordar ou rejeitar a consciência. Quando a consciência é reprimida ocorre o conformismo gerado pelos valores impostos pela sociedade. Então, somente a consciência liberta do determinismo encontrando o sentido único. Visto isso, Frankl (2005) denomina sua terapia psicológica como psiquiatria fenomenológica e psicologia humanística. Desse modo, se estabelece a propriedade da análise existencial, pois de acordo com ele pode-se dizer que:

Análise Existencial vai além de uma simples análise, sendo também terapia e precisamente logoterapia, no que difere da análise da existência, a qual segundo as definições dos seus pensadores de maior projeção em si e como tal não chega a ser Psicoterapia no verdadeiro sentido do termo” (Frankl, *apud* Camom 2007,p.105). “Análise existencial não é análise da existência, mas análise dirigida à existência, pois este é um fenômeno primário irreduzível. (FRANKL, 2007, p. 32).

Assim como o existencialismo, a logoterapia também inclui em seus pressupostos a transcendência que permite o indivíduo a vivenciar o futuro e o passado através da imaginação. Desse modo, destaca-se Sartre (2013) em *A Imaginação* já que ela se apresenta como um movimento pré-reflexivo anterior ao próprio pensar e possui consciência na existência, por isso, não é inconsciente, logo

primeiro existo e depois penso. Da mesma forma, o binômio imagem +ação não pode ser entendido de modo dissociado e reduzido ao cognitivo, pois é na existência que a vida acontece.

Portanto, a imaginação é composta de aspectos imagéticos e de ação e somente fará parte do projeto existencial, por meio de uma consciência intencional no ato em si, ou seja, na experiência no mundo. À exemplo da transcendência poder contribuir para libertar o indivíduo do determinismo e fazer com que projetamos para novas possibilidades, Frankl (2005) no campos de concentração imaginava sua vida anterior ao confinamento junto de sua família, bem como se saísse vivo apresentando à sociedade acadêmica a logoterapia, ambas situações na realidade fazendo parte do seu projeto existencial em ato.

A análise existencial conceitua o ser humano diferente da psicanálise, que afirma que o sujeito é impulsionado pelo inconsciente, ela é dirigida ao ser-responsável. É o ser que decide e não um ser impulsionado, por isso não perguntamos o que esperamos da vida, mas o que ela espera de nós. Então, a responsabilidade de nossa existência está no aqui e agora e na ação. Frankl (2007) O sentido da vida para os demais existencialistas se encontra a partir das escolhas que são movidas pela falta. Segundo Sartre (2009, p. 147, grifo do autor): "É falta *de... para...*, tal como o disco desfalcado da lua é falta *do* que necessitaria *para* se completar e transformar-se em lua cheia".

Para Sartre (1977,p.78), o "inferno são os outros", isso significa que o outro que sobrepuja o projeto existencial, uma vez que somos sujeitos históricos e sociais e vivemos em relação com o mundo que influencia na constituição do sujeito ao ponto de não haver maneira de fazer uma cisão cirúrgica do que é meu e o que é do outro, já que ser-no-mundo nos mostra que a personalidade do sujeito é moldada na existência e não na essência. Portanto, é na ipseidade, ou seja, no movimento entre Je, o eu em-si, completo e sem falta e Moi e eu para-si, que só existe no devir, onde o outro permite o reconhecimento da minha condição existencial.

A vida em si enquanto existência é isolada de sentido e “*absurda*”, a partir daí que o homem se lança no mundo, a fim de buscar realizações visando dar sentido a vida. No entanto, muitas vezes na tentativa voraz de encontrá-lo pode acabar se tornando determinado por crenças e religiões. Assim, o sentido será adequado ao seu projeto de vida, pois é determinante da gratificação emocional obtida através das realizações ao longo da existência.

De acordo com Heidegger (2000), o cuidar do ser é uma possibilidade que se estrutura sobre uma escolha do que se vai cuidar, do que não se vai cuidar, de como se vai cuidar e / ou não cuidar e de como se vai cuidar do cuidar mesmo. Heidegger (2000) diz em relação ao cuidado que é uma forma de habitar o mundo e construí-lo, tratar de si mesmo em sua singularidade e pluralidade. E é através dos estados de ânimo nos quais se cuida do existir que o sentido se manifesta. Assim, o sentido é o modo de cuidar própria ou impropriamente, ou seja, quando nascemos encontramos o mundo pronto e este nos convida a sermos impessoais, a ser como ou outros são, de cuidar de modo inautêntico.

Portanto, ser quem somos propriamente precisa ser aprendido, isto é precisamos aprender a deixar de ser quem somos, impropriamente, para aprendermos a ser quem, propriamente, podemos ser. Isto se dá através da compreensão dando conta que fomos o que os outros quiseram, ou seja, impróprios. Então, ainda não somos, nós podemos *vir-a-ser* propriamente, embora não sejamos mais impróprio. A partir daí, o vazio revela pela ausência que o sentido da vida vivida tinha, tornando necessário se recuperar um novo sentido para ser. Numa tentativa de se buscar o apoio dos outros, ou seja, a ligação perdida com o mundo. Esta experiência de falta de sentido do mundo, das relações significativas Heidegger chama de angústia. E é na angústia que nos falta nosso próprio ser para dar conta de ser, à exemplo disso:

(...) quando alguém experimenta o vazio de sentido em que seu dar-se conta de ser se abriu diante dele, compreende-se, digamos, como tendo sido egoísta (por modelo familiar, por medo, por sua segurança pessoal...) e se projeta a si mesmo como pode vir a ser uma pessoa

mais disponível para os outros, mais generosa; assim está fazendo uma projeção. (CRITELLI, 1996, p.138)

Visto isso, ser generosa, por exemplo, é uma possibilidade, uma projeção. Portanto, a propriedade é uma possibilidade frente as escolhas que através da angústia pode perceber que são impróprias. “Ser faz sentido quando, através do que faz e nos modos pelos quais se faz, alguém chega a ser mais, ou menos, propriamente ele mesmo.” (Heidegger, *apud*, Critelli 1996, p.140).

Para Frankl (2005), o homem anseia por um sentido sendo uma necessidade específica não reduzível e está presente em todos os seres humanos não sendo apenas uma questão de fé, mas uma realidade. O sentido de uma dada situação é único e não pode ser inventado não havendo por tanto possibilidade de os sentidos serem transmitidos pela tradição, eles são descoberta de ordem pessoal. Portanto, não se trata de sucesso e felicidade, mas de sobrevivência.

...encontra-se pessoas que, apesar do sucesso, são levadas ao desespero..., de outro lado, podemos encontrar pessoas que, apesar do fracasso, chegaram a um senso de realização e até de felicidade porque descobriram um sentido para o próprio sofrimento. (FRANKL, 2005, p.36.)

O sentido é acessível em qualquer situação mesmo com o sofrimento e a morte não deixam jamais de ter sentido (FRANKL 2005). Assim, não é uma recompensa de uma escolha certa ou de um projeto produtivo. Frankl (2007, p.88), diz que “ter sentido significa ter tarefas e que o indivíduo ficará imunizado contra o conformismo e o totalitarismo, pois somente uma consciência desperta o que se torna resistente...”

A Prática em Logoterapia no Cotidiano

Segundo Frankl (2005, p.24) “a logoterapia entende o conceito de homem incluindo nele não apenas as suas aspirações mais altas, mas também a esfera na imaginação do paciente naquilo em que ela atende às suas possibilidades de nutrir e reforçar o seu desejo de sentido”. Assim, a logoterapia é a busca de um significado, do sentido da vida e da Liberdade. Frankl (2005, p.34) afirma que “um logoterapeuta não pode dizer a um paciente o que é um sentido, mas pode ao menos demonstrar que na vida existe um sentido, que ele é acessível a qualquer pessoa e, o que mais conta, que a vida conserva seu sentido em qualquer situação”. A logoterapia procura criar no paciente a responsabilidade, por isso precisa deixar que ele se julgue responsável. “O papel do logoterapeuta é antes o de um oculista que de um pintor. O pintor procura transmitir-nos uma imagem do mundo como ele o vê; o oftalmologista procura capacitar-nos a enxergar o mundo como ele é na realidade.” Frankl (2006, p.44).

Dentre as técnicas utilizadas na logoterapia a intenção paradoxal e a derreflexão são as mais aplicadas por profissionais logoterapeutas. As técnicas são dispositivos terapêuticos de curto prazo, porém não resulta de efeitos temporários. A intenção paradoxal é uma terapia breve que trabalha com o confronto da situação que provoca o temor sendo mais usada em casos de fobias e transtorno obsessivo compulsivo e foi desenvolvida a partir do sintoma da ansiedade antecipatória encontrado em indivíduos neuróticos. Segundo Frankl (2005) quando o indivíduo aceita a fobia com humor, que na logoterapia é denominada autodistanciamento, ou seja, permitindo a rir de si mesmo não temendo mais seus pensamentos obsessivos torna-se mais fácil acontecer a cura do sintoma. Assim, “o neurótico que aprende a rir de si mesmo pode estar a caminho da autonomia, talvez da cura”. (Allport, *apud* Frankl 2006, p.109).

Dessa forma, Frankl assemelha a Kierkegaard (1979) que olha a angústia como uma possibilidade e não tornando o indivíduo vítima das circunstâncias ela

deriva quando se entra em contato com a condição humana, por isso angústia é desespero. E o homem só sai do desespero quando orienta-se para si próprio. Quando o indivíduo consegue dar-se conta do seu próprio desespero sendo a doença, a negação ou a intenção de não ter consciência deste estado é que ocorre a “cura”. Para ele o desespero é um processo de conquista do próprio eu, uma oportunidade de sermos nós mesmos, uma espécie de trampolim que auxilia o indivíduo a chegar a uma existência mais plena.

Enfatiza que a crise que se mostra com o desespero pode levar o indivíduo à "cura", mas pode ser seriamente perigosa se o indivíduo não quiser dar conta de si próprio, ou seja, tornar-se ele mesmo. O desesperado pode utilizar possibilidades relacionadas a coisas que estão fora do seu alcance ou ficando parado, congelado, estático diante de possibilidades fantasmagóricas que ele coloca para si como se fossem suas. Não conseguindo assim, movimentar-se em direção da mudança, do vir-a-ser um indivíduo de sua própria invenção.

Com isso, na intenção paradoxal o paciente é encorajado a fazer ou desejar que aconteçam as situações que temem impedindo que o paciente fóbico fuja do seu medo quebrando o círculo, uma vez que o sintoma desperta a fobia, a fobia provoca o sintoma, e o sintoma, por sua vez, reforça a fobia. Então, o temor é substituído por um desejo paradoxal. Outras atribuições da intenção paradoxal é em casos de gagueira, na educação de crianças, em psicoses com alucinações e no tratamento de insônia. Devido as técnicas serem semelhantes a modelagem a logoterapia é comparada com a teoria comportamental, mas ela acrescenta a dimensão humana, ou seja, ela humaniza a teoria comportamental. Vejamos uma entrevista de Frankl (2005,p.130) com um paciente psicótico exemplificando a intenção paradoxal:

Frederico era um paciente de 24 anos com esquizofrenia. A sintomatologia predominante era composta de alucinações auditivas. Ele ouvia vozes que o ridicularizavam e sentia-se ameaçado por elas. Estava internado há 10 dias no hospital, quando falei com ele. Fred saiu do quarto pelas duas horas da madrugada queixando-se que não podia dormir porque as vozes não deixavam.
Paciente: Não consigo dormir. O senhor poderia dar-me uma pílula?

Terapeuta: Por que não consegue dormir? Há alguma coisa o importunando?

P.: Sim, escuto essas vozes zombando de mim e não consigo ligar 18 me delas.

T.: Bem, você já falou delas a seu médico?

P.: Ele me disse para não dar atenção a elas. Mas não consigo.

T.: E você tentou mesmo não ligar para elas?

P.: Venho tentando todos esses dias, mas acho que não funciona.

T.: Você gostaria de experimentar algo diferente?

P.: O que o senhor está dizendo?

T.: Vá, deite-se e procure prestar o máximo de atenção que puder a essas vozes. Não deixe que elas parem. Procure escutar sempre mais.

P.: O senhor está brincando...

T.: Não estou, não. Por que não procura você ridicularizar essas malditas vozes?

P.: Mas, doutor...

T.: Por que não experimenta?

Assim ele decidiu experimentar, fui vê-lo 45 minutos depois, e ele estava dormindo. De manhã, perguntei-lhe se havia conseguido dormir à noite. "Sim, doutor, dormi muito bem", foi a resposta. Perguntei-lhe se ouvira vozes por muito tempo, e ele disse: "Não sei, acho que peguei logo no sono".

Assim, percebemos que quando o paciente procura fazer exatamente o contrário ou seja, ele não sente medo, mas tenta prestar atenção nas vozes com humor rompe o círculo de ansiedade adormecendo rapidamente. Na derreflexão o paciente não combate contra nada, mas sim é a favor. Utiliza-se termos na logoterapia como hiperintenção, que é uma intenção forçada naquilo que se deseja particularmente observada em casos de neurose sexual, e hiper-reflexão, que é a atenção excessiva ao foco do conflito, que são fenômenos que reforçam-se mutuamente estabelecendo um mecanismo de feedback. Por exemplo: uma paciente a fim de obter o orgasmo na relação sexual prestava atenção nela mesma e desviava a atenção do parceiro, assim a potência ao orgasmo diminui intensificando a hiperintenção. Em vez de buscar obter orgasmo a paciente deveria procurar esquecer de si mesmo com o objetivo de conter a hiper-reflexão. Podemos ver um exemplo como Frankl (2005, p.141) atua na clínica com a técnica da derreflexão.

A paciente, uma jovem, veio até mim queixando-se de ser frígida. A história do caso mostrou que na infância ela tinha sido abusada sexualmente pelo pai.

Entretanto, não era em si essa experiência traumática que havia provocado a neurose sexual. Ficou claro que a leitura da literatura psicanalítica popular fez com que ela vivesse o tempo todo na expectativa temerosa de que um dia os efeitos de sua experiência traumática se manifestassem. Esta ansiedade antecipatória levou-a a uma intenção demasiada de demonstrar sua feminilidade e a uma atenção voltada mais para si do que para o parceiro. Isto era suficiente para impedi-la de atingir o pico do prazer sexual, desde que o orgasmo se transformara em objeto de intenção e de atenção. Mesmo sabendo que a logoterapia iria resolver em pouco tempo, eu lhe disse que deveria aguardar dois meses na lista de espera.

Durante esse tempo, entretanto, ela não deveria preocupar-se com sua capacidade de orgasmo, mas apenas concentrar a atenção no parceiro, a fim de perceber melhor tudo o que o fazia atraente a seus olhos. “Apenas prometa que não fará nada para sentir orgasmo”, pedi-lhe eu. “Iremos conversar sobre isso somente daqui a dois meses, quando iniciarmos o tratamento.” O que eu havia previsto aconteceu depois de um par de dias, para não dizer noites. Ela voltou para dizer que a primeira vez que não se preocupou com o orgasmo, ela o sentiu pela primeira vez.

Podemos perceber que não foi preciso uma sessão de logoterapia a partir do momento em que a paciente desviou a atenção de si mesma e a intenção do orgasmo se concentrando no parceiro conseguiu obtê-lo. Segundo Frankl (2007), uma das formas de manifestação do sentido é através do sofrimento. Por meio de uma entrevista que foi feita com uma paciente de 80 anos que sofria de câncer terminal ele mostra como a logoterapia atua na clínica com pacientes em desespero frente a morte, onde foi trabalhado terapêuticamente a religião e a transitoriedade. Nela Frankl resgata a vontade de viver mesmo a senhora estando ciente da gravidade de sua doença e a possibilidade de uma morte a qualquer momento. Ele mostra que nada foi perdido na existência os lugares frequentados, o sofrimento vivido com heroísmo, enfim somente o fato da paciente ser vivido acreditando em Deus já teria um sentido para ela morrer com dignidade.

O confinamento e modo de recriar sentidos

No filme Phoenix do diretor Christian Petzold (2014), uma sobrevivente de um campo de concentração após a Segunda Guerra Mundial teve seu rosto desfigurado enquanto esteve presa ficando irreconhecível após uma cirurgia de reconstrução. Após sua libertação, procura incessantemente pelo marido na cidade de Berlim, onde o encontra trabalhando na boate Phoenix, mas ele não a reconhece. Nesse momento, ele a convence fingir ser sua esposa até então falecida para se apropriar da herança. Aos poucos ela descobre que o marido e os amigos tiveram uma importante participação em sua prisão.

A partir dessa história, podemos perceber que mesmo diante das facticidades das experiências em um campo de concentração a personagem pode recriar sua história a partir do que ela fez do que fizeram dela quando a partir da canção *Speak Low If you Love*, da cantora americana dos anos 40 Billie Holiday, se posiciona ao cantar para o marido uma letra que dizia que o amor murchou e que logo o amanhã chegará, momento em que é reconhecida por ele.

Durante a pandemia do coronavírus, vários vídeos circularam na internet com pessoas de diversas nacionalidades cantando e tocando instrumentos musicais em seus apartamentos, a fim de aliviar o seu sofrimento e do outro. Interessante a capacidade do indivíduo recriar os sentidos em tempos de crise, onde até mesmo o espaço que antes era inutilizado por muitos, passa a ser o principal elo de acesso as pessoas, mesmo que separados pela distância física. Sendo assim, não é mais a cozinha que cria um ambiente acolhedor através das comidas e bebidas, mas aos poucos parece que um outro espaço vai nutrindo e aproximando emocionalmente as pessoas nesse tempo: a varanda.

Talvez, o sentido encontrado ali seja uma ação coletiva de ajuda para aliviar o estresse, ansiedade, depressão, medo, incertezas, a morte de um modo que valorize a vida através das artes, por exemplo como dizia Nietzsche (2008, p.289) “Temos a arte para não morrer de verdade”. Conforme Frankl (2006, p.54) faz uma analogia em

relação ao sentido: “pense num filme que consista em milhares e milhares de fotografias individuais. Cada um deles tem um significado, mas o sentido todo o filme só pode ser entendido quando este acabar. O mesmo acontece com a vida.”

Para Arendt (2008), os "tempos sombrios" vivenciados no século XX, foram marcados pelo nazismo, onde a humanidade foi afetada seja pela vivência de mortes, torturas físicas e psicológicas, seja pela imaginação coletiva. Sendo assim, as civilizações não puderam ficar imunes as essas experiências catastróficas. Segundo a autora, fez-se necessário uma reflexão responsável da realidade humana, que foi capaz de prevalecer o totalitarismo, a partir da solidariedade e união dos povos.

A afetação ao tempo histórico abre um espaço para recriar um realidade jogando luz na sombra, questionando essas verdades autoritárias que foram dadas. Para isso, é preciso romper com o velho modelo de pensar racional, interpretativo e absoluto, em que no cotidiano não é levado em conta o ausente e se relacionar ao modo de abertura. Similar a uma paixão que não se aproxima por completo num encontro, mas uma parte dela se funda no imprevisto e destrói a solidão, as ocupações do cotidiano, para um enamoramento aos poucos e com calma, como dizia Heidegger. Com isso, permite esse encontro de outros caminhos, onde o homem não é um mero processo histórico, mas estabelece um sentido nas suas vivências.

Considerações Finais

Diante do que se pretendeu este artigo, não se teve a intenção de fazer uma comparação as experiências dolorosas e desumanas vivenciadas por milhares de pessoas em campos de concentração reduzindo-as ao tempo de confinamento pela pandemia do Covid-19 no cotidiano. Contudo, mostrar as possibilidades de enfrentamento das facticidades mediante as possibilidades que são outorgadas pelo social, pois mesmo o indivíduo não sendo livre para sair da prisão e mediante ao

possível confinamento se tornar uma medida obrigatória, ainda sim somos livres para transcender o tempo e o espaço em busca de um sentido pelo qual viver.

O sentido da vida na obra de Viktor Frankl refere-se aos valores do indivíduo que possa conquistar algo, alguém que ele possa amar, um sofrimento vivido com bravura, e a cada momento que a vida exigir uma escolha o sentido pode mudar, ou seja, ele é único de cada situação e de cada pessoa. Assim, o sentido é exclusivo e mutável, portanto o sujeito não busca o sentido e sim o encontra no decorrer de sua existência e ao final da vida ele pode analisar suas experiências e perceber se viveu com dignidade ao ponto de encontrar o sentido ou não. Frankl (2007).

No entanto, na sociedade capitalista o tempo é atrelado ao dinheiro, logo é dada a permanência das coisas cabendo ao indivíduo e não ao processo histórico se relacionar em abertura. Todavia, por fuga da angústia existencial pode buscar uma solução rápida para suas incompletudes encontrando resultados em medicamentos, bebidas alcólicas etc que o faça sentir prazer por algumas horas e esquecer o vazio em que vive.

Assim, podemos perceber uma geração de dependentes, pessoas depressivas e irritadas que por não saberem descobrir um sentido pelo qual viver, uma forma que encontram para se relacionarem com as coisas é através da doenças, por exemplo, enquanto um modo-de-ser-doente existencialmente. Então, o sintoma nada mais é que um modo de compreensão da realidade, em que o indivíduo se deixa levar pelo impessoal. A doença, portanto, é uma restrição de possibilidades, em que indivíduo se perde no impróprio, ou seja ele responsabiliza o mundo pelas suas escolhas.

Segundo Kierkegaard (1979), o eu é desespero de ser si próprio e não ser si próprio. Então, a psicoterapia amplia as possibilidades auxiliando o indivíduo a reconquistar o próprio, assim, apropriar-se de suas escolhas. E a logoterapia precisamente amplia o “campo visual” do paciente para que enxergue o sentido. Desde a década de cinquenta falamos em doenças psicossomáticas que para

Heidegger (2000), nada mais é que expressão do Dasein, modo de ser do homem em abertura, como forma de posicionamento da angústia.

Com isso, o sentido da vida se constitui a partir de vários outros sentidos ao longo da existência. Dessa forma, só paramos de nos constituir no final da vida e neste momento saberemos se ela foi digna ou não de um sentido. Neste tempo desértico que estamos atravessando com a pandemia mundial, um regime totalitário captura o sujeito: o capitalismo. Um quantitativo significativo da população preso pela sua subsistência é incitado a acreditar que a economia não pode parar colocando como primazia seus empregos à salvar vidas. No Brasil, esse movimento se torna ainda mais gravoso quando é o próprio líder, eleito pelo povo, que fomenta a indiferença ao outro, principalmente a população mais vulnerável socialmente tem sofrido com a ausência e/ ou insuficiência de políticas públicas para garantir o direito fundamental à vida. Com isso, emergiu no discurso em ato nosso modo obscuro de lidar com as coisas, que jogamos para debaixo do tapete: o ódio, o egoísmo e a marginalização da pobreza.

E é nesse mesmo cenário de caos que ações isoladas de indivíduos e coletivos, seja de estados, municípios e da sociedade civil se consolidam para amenizar a dor do próximo ofertando condições mais dignas de enfrentar esta Guerra invisível aos olhos. Estamos percebendo que uma ação individual afeta aos demais, seja num ato de sair nas ruas, pois não se suporta o isolamento social, pondo em risco diversas pessoas à infecção, seja os valores como a solidariedade, com doações de insumos hospitalares, recursos materiais emergenciais, alimentos, as artes e uma escuta atenciosa para o alívio do sofrimento podem ter sido um sentido, neste momento, encontrados pelos homens para ressignificarem suas vidas espontâneas determinadas por preconceitos, estereótipos e discriminação social. Já não cabia mais como dizia Guimarães Rosa (1968, p.76): “Viver é um rasgar-se e remendar-se”, reconstruir nos levaria ao mesmo ponto de partida. Após longos anos de desafeições talvez a ruína seja o caminho que nos leva a criar uma outra realidade.

Referências

ARENDTH, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. 13.ed. São Paulo: Idéias e Letras, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KIERKEGARD, Soren. **Desespero Humano - doença até a morte**. São Paulo: Abril Cultural, Os Pensadores, 1979.

LAPLANCHE; Pontalis. **Vocabulário da Psicanálise**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LISPECTOR, Clarisse. **A Hora da Estrela**. 2ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. São Paulo: Saraiva, 2008.

Organização Mundial de Saúde. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 8 mai. 2020.

PETZOLD, Christian. **Phoenix**. Alemanha, 2014. Filme.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia – terceiras estórias**. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. **A Imaginação**. Porto Alegre: L & PM, 2013.

_____. **O Ser e o Nada**. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Entre quatro paredes**. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Fundadores do pensamento no século XX**. Espaço cultural. CPFL. São Paulo, 2006.DVD.

The Journal. **There are now more than 600,000 coronavirus cases around the world**. Disponível em :<https://www.thejournal.ie/number-of-worldwide-coronavirus-cases-5060871-Mar2020/> .Acesso em: 29 mar.2020.